

CULTURA MATERIAL ESCOLAR NA PARAHYBA DO NORTE (1822-1889): ESPAÇOS DE LEITURA E VENDA DE LIVROS, COMPÊNDIOS E ARTEFATOS ESCOLARES.

THAYNÁ CAVALCANTI PEIXOTO*

CLÁUDIA ENGLER CURY*

1. Introdução

Este artigo tem por objetivo compreender as práticas culturais adotadas no processo de vida escolar, na tentativa de apreender um pouco sobre o seu cotidiano através da circulação de livros e compêndios escolares nos espaços de venda e de leitura na Paraíba Oitocentista.

A partir desse eixo, apresentaremos os primeiros resultados coletados do nosso projeto de pesquisa intitulado: “Circulação de livros, compêndios e artefatos escolares na Paraíba do Norte do Oitocentos”. Através do nosso *corpus* documental¹, coletado pelo Grupo de Pesquisa História da Educação no Nordeste Oitocentista- GHENO-, analisamos esses rastros sob a ótica da cultura material escolar.

2. Articulando os conceitos

Para o entendimento do que a historiografia já escreveu acerca dos conceitos foi preciso voltar um pouco para a década de 1960 e 1970, e perceber como a questão foi

*Aluna Graduanda em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), bolsista de Iniciação Científica /CNPQ.

*Professora orientadora, Associada do Departamento de História e membro dos Programas de Pós Graduação em História (PPGH) e em Educação (PPGE), ambos na UFPB.

¹ Referentes aos documentos oficiais levantados pelo Gheno, desde o ano de 2004, em que foram selecionados, os assuntos referentes à instrução, paleografados e digitados, assim como, a análise do trabalho de seleção dos periódicos, que teve início em fins de 2009 junto ao Instituto Histórico e Geográfico Paraibano – IHGP, que foram fotografados por bolsistas PIBIC, um grande número de anúncios, artigos e notícias diversas referentes à instrução na Paraíba do século XIX, sendo esses: *O Imparcial*, *O Publicador*, *A União Liberal*, *A Regeneração*, *Diário da Paraíba*, *Arauto Parahybano*, *O Despertador*, *A Opinião*, *Jornal da Paraíba*, *Gazeta da Paraíba e Imprensa*, totalizando 11 periódicos.

tratada pela Escola dos Annales, ou melhor, mais especificamente pela chamada terceira geração e de que maneira influenciou na construção desses conceitos.

[...] trazer um novo padrão historiográfico, novas aberturas, retornos e possibilidades, e também incertezas para os historiadores no que se refere à natureza do conhecimento que produzem e ao papel do conhecimento histórico na sociedade. (BARROS, 2012, p.306)

Novas abordagens foram sendo incorporados à construção do conhecimento histórico, assim como, também novos problemas passaram a ser questionados pelos historiadores. O grande debate entre esta geração e as anteriores girava em torno da “história total”. As duas primeiras gerações, que tiveram como seus líderes Marc Bloch, Lucien Febvre e Fernand Braudel e como lema e prática a escrita totalizante da história, enfrentaram as críticas dos historiadores da terceira geração que se contrapunham a seus antecessores pelo fato de afirmarem que a “história total” poderia ser escrita a partir das particularidades, até porque não se tem como escrever sobre tudo de uma determinada sociedade. Mas, além desses debates, segundo o historiador José D’Assunção Barros (2012) existia um ponto de convergência entre essas três gerações, a defesa pela construção de um conhecimento histórico através da interdisciplinaridade.

A partir dessa rápida contextualização do momento de renovação historiográfica, que ficou conhecido como História Nova, é que podemos entender a inserção da utilização da cultura material nos estudos e pesquisas da História, já que:

[...] entre os diversos diálogos interdisciplinares – sempre considerando – que a interdisciplinaridade é o principal traço de unidade entre as três gerações de annalistas – será a Antropologia a interlocutora que ocupará o principal lugar de destaque nesses novos tempos. (BARROS, 2012, p.325)

Como pudemos acompanhar, mesmo que de forma breve, só foi possível obtermos uma história da cultura material através das contribuições da Escola dos Annales, segundo Jean-Marie Pesez (2005), a renovação historiográfica proposta pela terceira geração contribuiu para a ampliação de horizonte e domínio do historiador. Nesse movimento de abertura para novas possibilidades de pesquisa, as discussões acerca da cultura material

foram sendo incorporadas à produção historiográfica, assim como também a elaboração de trabalhos referentes à história da cultura material.

Mas, mesmo assim: “A história da cultura material continua procurando se encontrar; ela ainda não soube forjar seus conceitos, nem desenvolver todas as suas implicações” (PESEZ, 2005:247), ou seja, de acordo com autor ainda não existe um consenso referente ao conceito de cultura material. Entretanto, assim como Cynthia Greive Veiga (2010), acreditamos que:

A partir destes estudos ampliam-se as possibilidades de reinterpretar o quadro geral de uma cultura, seja na compreensão do sentido que as sociedades dão aos objetos, seja na identificação das marcas neles presentes, expressões das múltiplas experiências humanas de produção, negação e apropriação de culturas. (VEIGA, 2010:4)

Tomemos agora as discussões sobre o conceito de cultura escolar que também advém desse momento de renovação historiográfica, que influenciou diretamente a produção historiográfica da história da educação. Por meio das leituras realizadas percebemos que há relação desse conceito com a Nova História Cultural. Sendo assim, a cultura escolar compreende o funcionamento do universo escolar e tudo que está relacionado a ele. Através desse entendimento, junto à incorporação da perspectiva de cultura material, compreendemos em sintonia com César Augusto Castro (2011) que:

[...] estudar o conceito de cultura material é, ao mesmo tempo, tratar os múltiplos significados dos objetos, indo além de sua estrutura técnica e de sua função, mas compreendê-los a partir das relações sociais de que fazem parte e das diferentes manifestações das práticas instauradas no interior das escolas [...] (CASTRO, 2011:15)

A partir das leituras e debates dos textos estudados, compreendemos que cultura material escolar “Significa compreender, num espectro ampliado, os mais diversos componentes materiais ligados ao mundo da educação” (BENCOSTTA, 2007:176), ou seja, abrange não só o conjunto de elementos constitutivos do universo escolar, como artefatos relacionados à escrita, leitura, limpeza, mobília, indumentárias, arquitetura dos edifícios,

livros didáticos, periódicos educacionais e bibliotecas pedagógicas, etc. obviamente, relacionados ao seu tempo e espaço, a sua utilização através das relações sociais estabelecidas pelos diferentes sujeitos do ambiente escolar, assim como, também podemos entender como o contexto da época influenciava na inserção ou não desses elementos destinados ao uso escolar.

3. Adentrando aos periódicos

Pela apreensão da leitura que fizemos do conjunto documental no que se refere aos documentos oficiais², pouco foi encontrado, ou melhor, nada que pudesse dar sustentação à nossa pesquisa. Decidimos então, iniciar a leitura dos periódicos e a partir desses documentos conseguimos elaborar alguns quadros, e arriscar algumas considerações sobre os possíveis espaços de circulação de livros e compêndios na Província da Parahyba do Norte. Pelo fato da abordagem escolhida ter como enfoque a cultura material e por ser essa uma discussão ainda recente entre os historiadores da educação estamos encontrando dificuldade em encontrar amparo em pesquisas sobre a mesma temática e no mesmo período na produção historiográfica, até o momento.

Em relação à primeira metade do século XIX quase nada foi encontrado sobre a temática de nossa pesquisa na documentação coletada no Arquivo Público do Estado da Paraíba – Waldemar Bispo Duarte. Tivemos que nos debruçar mais detidamente na leitura dos periódicos e percebemos que a primeira metade do século XIX não apresentava muitas informações sobre os locais de leitura e de venda de livros e artefatos escolares na província. Dessa forma, trabalhamos com a seleção de jornais e de matérias jornalísticas a partir do levantamento realizado por Thiago Oliveira de Souza³ também relativas à segunda metade do século XIX.

Na direção de identificação de outras bases documentais de pesquisa mencionamos a obra organizada pelos Professores Antonio Carlos Ferreira Pinheiro e Cláudia Engler

² Que seriam relatórios oficiais, atas da Assembleia, relatórios de despesas, listas de pedidos: de salário, de licença, de aposentadoria, entre outros.

³ Integrante do GHENO licenciado em História pela UFPB no ano de 2010.

Cury (2004), relativa ao levantamento de Leis e Regulamentos da Instrução da Paraíba no Período Imperial. Lendo essa documentação constatamos a indicação de um local de leitura e de configuração de um acervo de livros no texto da Lei de Criação do Lyceu Provincial, Lei nº 11 de março de 1836, também ficava estabelecido, no art.5º, que:“– Haverá no mesmo Liceu uma **biblioteca**, que se comporá dos livros constantes das relações feitas pelo Diretor, que para este fim ouvirá os respectivos lentes.”(PINHEIRO & CURY, 2004:95)

Quem se aprofundou nesse assunto foi outro pesquisador do GHENO, Cristiano Ferronato, por meio da elaboração de sua tese de doutorado defendida no ano de 2012 junto ao Programa de Pós Graduação em Educação da UFPB. O autor fala sobre a Biblioteca Pública do Lyceu e seus compêndios. Tomamos então seu texto como base para compreendemos o que teria sido talvez o primeiro, e até agora, único espaço de leitura localizado na província paraibana, durante a primeira metade do XIX. Segundo Ferronato (2012) passaram-se quase dez anos sem aparecerem menções à mesma Biblioteca na documentação.Foi no ano de 1853, a partir de um relatório de Presidente de Província, analisado por Ferronato, que identificamos a afirmação de que a Biblioteca do Lyceu “[...]possue apenas **93 volumes** de diferentes obras”.(FERRONATO,2012:146. Grifo Nosso).

Após 17 anos de sua criação, a Biblioteca contava com 93 livros, um dado que nos fez pensar em um primeiro momento que poderia ser um acervo pequeno. Entretanto, encontramos no ano de 1861, em um dos jornais consultados, outro dado que nos deixou alguns questionamentos: “[...]Bibliotheca do Lyceu colleção de **mil e tantos volumes**, na maior parte velhos, trucados, roidos pela traça...[...]”⁴(A *Regeneração de* 19 de abril de 1861), ou seja, dos 1853 para 1861 eles conseguiram multiplicar em mais dez vezes o acervo da Biblioteca. Por meio da análise dos relatórios dos Presidentes de Província realizada por Ferronato (2012), encontramos uma fala que pode nos guiar no sentido de

⁴Relatório do Exm. Sr. Dr. Director da Instrucção Publica Diogo Velho Cavalcanti de Albuquerque (A *Regeneração de* 19 de abril de 1861).

compreendermos esse aumento: “[...] **unida á falta que há de livrarias n’esta Capital**, vos recommendão a adopção de qualquer alvitre [...]”⁵(FERRONATO,2012:2551.Grifos nossos), ou seja, é possível que tenham ocorrido doações para a biblioteca, o que deve ter favorecido o aumento do número de volumes, como também podemos perceber, que nesse período havia uma ausência de espaços de venda de livros na capital da província.

A partir desses dados, podemos começar a esboçar a situação desses espaços, tanto de leitura quanto de venda na Parahyba do Norte, na primeira metade do século XIX. Havia apenas uma Biblioteca Pública, mas, que na verdade não era pública, pois se destinava apenas aos alunos e professores do Lyceu,(FERRONATO,2012), fora isso ainda existiam poucos espaços de venda de livros, ou seja, nos fazendo presumir que o acesso à leitura nessas primeiras décadas aqui na Paraíba era muito precário.

Mas em relação à segunda metade do século XIX identificamos alguns dados que possibilitaram a elaboração dos quadros a seguir, em relação aos espaços de venda:

Quadro 1. Espaços destinados à venda de livros, compêndios e artefatos escolares ⁶				
Data	Periódico	Seção	Espaço de Venda	Materiais listados
1858	<i>A Imprensa</i>	anúncios	<i>srs. Miranda & Vasconcellos</i>	“[...]As <i>minhas theses impressas para este concurso mallogrado distribuem-se na livraria academica [...]</i> ”(Grifo Nosso)
1861	<i>A Regeneração</i>	anúncios	<i>Botica Imperial</i>	<i>Grammatica latina novo methodo por o Padre Antonio Pereira; [...]Manual enciclopedico obra muito util para os meninos das primeiras letras; [...]</i> (Grifo nosso)
1879	<i>A União Liberal</i>	anúncios	<i>Livraria Economica</i>	<i>Tudo quanto diz respeito á EDUCAÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA.</i> (Grifo nosso)
1884	<i>Diário da</i>	anúncios	<i>Bazar</i>	Livros de direito, romances e <i>livros de Educação.</i> (Grifo nosso)

⁶As palavras em itálico estão transcritas tais como encontradas nos jornais e a reproduzimos com o intuito de preservar a escrita da época.

⁷As informações em negrito foram as mais relevantes que conseguimos localizar sobre estes espaços de venda.

	<i>Parahyba</i>		<i>Parahybano</i>	
1885	<i>Diário da Parahyba</i>	anúncios	<i>Typographia</i> ⁸	<i>Nesta typographia se dirá que vende 1 compendio de historia [...]de <<Daniel>> e 1 de Philosophia[...]e mais alguns, todos de acordo com o novo programa e em bom estado.</i> (Grifo nosso)
1886	<i>Jornal da Parahyba</i>	anúncios	<i>Loja do Pelicano</i>	<i>Grammatica Latina organizada pelo Sr.Dr.Joaquim Pereira da Silva Guimarães[...]</i> (Grifo nosso)
1889	<i>Gazeta da Parahyba</i>	anúncios	<i>Livraria Arantes</i> ⁹	<i>Instrução Primaria: todos os compendios adoptados nas aulas publicas[...]OBJECTOS PARA ESCRITORIO: papel pennas, canetas, lapis, tintas e copiadores.[...]</i> (Grifo nosso)

Fonte: Quadro elaborado pela autora, mediante dados coletados pelos próprios periódicos.

Como foi possível perceber, desde o periódico mais antigo catalogado, do ano 1858, pudemos encontrar referências a espaços destinados à venda de livros. Ao mesmo tempo em que nos alegra o fato de termos nos deparado com uma “livraria academica”, essa situação também nos intriga, pois “livraria” na época poderia significar conjunto de livros(FERRONATO, 2012), como também um local de venda de livros, conforme encontramos em anúncios posteriores. Sendo assim, esse local pôde ter sido tanto destinado à venda de monografias, como o autor da matéria escreve, como, também, um local de acervo para trabalhos acadêmicos, até porque o autor mencionou a palavra “distribuem-se”, nos fazendo pensar que esse local não era exclusivamente de venda.

Percebe-se que nas falas dos relatórios oficiais, referentes à primeira metade do século XIX, analisados por Ferronato (2012), havia relatos de ausência de espaços destinados à venda de livros na capital da província, mas, ao longo de nossa pesquisa, percebemos que esse cenário vai se modificando a partir do final dos anos 1850, com

⁸A única referência feita ao local é a de que lá se encontravam os respectivos materiais “nesta typographia” (*Diário da Parahyba*,1884), ou seja, não conseguimos identificar o nome do espaço de venda.

⁹Foi aberta em 1887 pelos *Srs. Arantes e C.^a*, na Rua Conde d’Eu pelo título de “uma bem sortida-livraria e papelaria.”(*Jornal da Parahyba*, 11 de fevereiro de 1887)

uma maior oferta de livrarias na capital. Foi então através dessa oferta, que interpretamos como um possível aumento de leitores, anunciada pelos periódicos da época, que conseguimos elaborar o Quadro 1 supracitado.

Nos anúncios de jornais pesquisados que se referiam à Livraria Arantes e ao Bazar Parahybano conseguimos encontrar a maior quantidade de livros à venda. Mas, foi em outras livrarias catalogadas durante a pesquisa que encontramos menções a livros referentes à instrução primária e secundária, nos auxiliando a compreender cada vez mais sobre a circulação desses materiais. Apesar de não citarem os livros utilizados nas aulas, podemos concluir que esse material estava “[...] *de acordo com o novoprograma e em bom estado.*” (*Diário da Parahyba*, 1885), ou seja, estavam seguindo as listas de livros recomendadas pelas instituições escolares do período. Provavelmente o jornal estava se referindo à Reforma da Instrução Pública de dezembro de 1883 e promulgada em 30 de julho de 1884 que converteu o Liceu Provincial em Externato Normal e promoveu uma reformulação na instrução primária e secundária na província que entre outras coisas indicava as matérias a serem ensinadas e os respectivos compêndios escolares.

Além da alusão a livros destinados tanto ao ensino primário quanto secundário, encontramos uma relação de livros destinados à área de Educação, pela lista do Bazar Parahybano referente a 1884, que compreendem livros das diversas áreas: línguas estrangeiras, gramática, geografia, entre outras, nos levando a deduzir, então, que a utilização do termo ‘educação’, estava relacionado à ‘instrução’, já que os livros dessa seção eram de matérias ensinadas no período. Podemos depreender que desde a década de 1850 até o último ano do período imperial foram encontrados locais destinados à venda de livros e compêndios escolares, nos deixando extremamente entusiasmados com a pesquisa, o que nos estimula a encontrar, durante a segunda fase de pesquisa, dados ainda mais concretos referentes à circulação desses materiais escolares.

Em relação aos locais de leitura, conseguimos elaborar, a partir da pesquisa realizada nos periódicos, o seguinte quadro:

Quadro 2. Espaços destinados à leitura de livros

Data	Periódico	Espaço
1881	<i>Jornal da Parahyba</i>	Fundação do Club Litterario e Recreativo (CLR) ¹⁰
1882	<i>Jornal da Parahyba</i>	Fundação da Bibliotheca do Club Litterario
1884	<i>Diário da Parahyba</i>	Fundação da Biblioteca Popular

Fonte: Quadro elaborado pela autora, mediante dados coletados nos próprios periódicos.

Através desse quadro podemos dizer que na década de 1880 dois espaços de leitura foram abertos na capital da província, e ao que parece não somente com o intuito de servir aos mais abastados. Através da leitura da dissertação de Mestrado de Itacyara Miranda, defendida em 2012, conseguimos levantar informações adicionais sobre o Club Litterario e a Biblioteca Popular. Então, a autora, afirma que o CLR foi fundado em 1881, e:

tinha por objetivo atender à parcela da população que era desprovida financeiramente e que, por isso mesmo, não obtinha oportunidades para estar em contato com o mundo do conhecimento, do saber científico/racional, uma vez que a lei da sobrevivência os forçava cada vez mais a se aproximarem do trabalho manual, em detrimento do cultivo do espírito e de tudo aquilo que os encaminhava para o estágio de desenvolvimento de homens civilizados. (MIRANDA, 2012:38)

O Club Litterario, após um ano de criação, externou seu desejo de instituir uma biblioteca que fosse aberta ao povo, mas, por falta de recursos para a abertura de tal, através da imprensa solicitaram doações aos amantes das letras no intuito de preencher as prateleiras desse espaço. Então, foi possível constatar que, no mesmo mês que convidaram doações aos cidadãos, a biblioteca do clube recebeu doações:

¹⁰Instituição fundada e financiada por particulares e aberta ao público da Parahyba, já no ano de 1881. (MIRANDA, 2012)

- A Bibliotheca d'esta sociedade offertou o Sr. major José Francisco de Moura¹¹ 50 volumes de diferentes obras. Oxalá que todos os Parahybanos sigam o exemplo do Sr. Moura, auxiliado essa empresa de tanta utilidade para o publico geralmente.”(Jornal da Parahyba, Abril de 1882)

Apesar dos esforços dessa sociedade em ofertar mais um espaço de leitura ao povo paraibano, em meados de 1884 entrou em decadência até sua interia dissolução no ano posterior. Consequentemente os membros do Clube tiveram que se desfazer de seu acervo, então, a partir desse anúncio podemos depreender que:

Para attestar a sua existência restão apenas [...] os moveis já deteriorados e cerca de 2,000 volumes empoeirados, cobertos de mofo, cheios de traça e atirados talvez ao chão, tudo com quase completo abandono [...] o mais acertado será entregar todos os livros á loja maçônica – PERSEVERANÇA E LEALDADE¹² – [...] Não é justo que o povo continue privado d'aquilo que lhe pertence. A Bibliotheca do Club Litterario foi formada com o auxílio de cada cidadão e destinada á educação do povo, nada, pois, mais razoavel do que confial-a ao zelo d'uma sociedade em tão boas condições financeiras, como a referida loja, que por sua vez se propõe gratuitamente contribuir para o desenvolvimento da instrucção popular.(Diário da Parahyba, 10 de abril de 1884. Grifos Nossos)

Mas, na última assembléia realizada pelo Clube, ocorrida em fevereiro de 1885, ficou decido que:

[...] foi votada a proposta de fechamento do Clube. Nessa ocasião, ficou acordado que fossem a leilão os móveis e objetos. O propósito era arrecadar dinheiro para a quitação das dívidas. Também ficou decidido qual seria o destino da biblioteca: “Foi mais indicado que a livraria constituída da bibliotheca do Clube fosse offertada a S. Exc. o Presidente da Provincia, com o destino de constituir a bibliotheca provincial da Escola Normal de instrucção superior. (MIRANDA, 2012:40)

Sobre o segundo espaço de leitura levantado por nós, a Bibliotheca Popular¹³ que se deu no ano de 1884, podemos apreender que:

Biblioteca Popular

¹¹ Acabara de ser eleito, em abril do mesmo ano, para o cargo de vice-presidente da diretoria do clube literário.

¹² Sociedade Maçônica.

¹³ Criada pela sociedade maçônica Perseverança e Lealdade.

A comissão promotora desta instituição, possuída do mais vivo conhecimento e animosidade, vem por intermédio das columnas deste conceituado jornal agradecer o apoio e o acolhimento que a illustre população desta cidade vai dispensando ao emprehendimento da sociedade Lealdade e Perseverança. [...] A Biblioteca Popular, já conta em suas estantes seis centos e muitos volumes de expontaneas ofertas, não contando ainda dois meses de existência. [...]. (Diário da Parahyba, 22 de maio de 1884. Grifos Nossos)

Pudemos depreender da leitura das notícias veiculadas pelos jornais à época que a mesma foi fundada em meados de março de 1884 e que funcionava através de doações, e que em pouco tempo de existência conseguiu chegar a mais de 600 obras nas suas estantes, diferentemente da criação da Biblioteca do Lyceu, que demorou anos para preencher suas prateleiras. A Bibliotheca Popular tinha o objetivo de oferecer mais um espaço de acesso à leitura de livros na capital, assim como pudemos perceber nessa publicação:

*Cada filho ou hospede desta provincia muito em consideração tudo isto. A nenhum deles fazemos a injustiça de suppor que desconheça os magníficos resultados d'uma **bibliotheca publica**¹⁴, synonymo de templo do livro, cujas portas estão escancaradas para a multidão ter ingresso e baptizar-se nas aguas lustraes da sciencia.” (Jornal da Parahyba, 1884. Grifo Nosso)*

Sobre a Bibliotheca Popular encontramos dados referentes à movimentação mensal daquele espaço em diferentes anos, nos periódico: o Diário da Parahyba e o Jornal da Parahyba entre os anos de 1885 a 1888. Percebemos que desde os seus primeiros anos de existência, a Biblioteca possuía um movimento considerável e que o ano de 1885 foi um ano com muitas visitas. Temos uma perceptível diminuição de visitantes em 1886, e que só voltou a aumentar no ano seguinte.

Fora a doação de livros, foi possível constatar que as duas bibliotecas supracitadas receberam também doações de periódicos, nos fazendo perceber a relação existente entre os discursos da época interferindo na materialidade, já que de acordo com Miranda (2012), era comum que as bibliotecas abrigassem jornais vindos de outras partes do império, pois essa

¹⁴ A Biblioteca do Lyceu possuía em seu título o nome ‘pública’ pelo fato de ser vinculada à uma instituição de ensino público. Mas no fim do século XIX, a denominação de público já ganhava um significado mais parecido com o que entendemos de público atualmente. Nesse caso a “bibliotheca publica”, tinha realmente o objetivo de ser voltada para o povo.

prática fazia com que houvesse uma maior circulação de informações que estavam para além dos limites geográficos das províncias.

Recebeu das redacções os seguintes jornaes:

La Union, Le Brésil, La Voce del Popolo, A Immigração, Diario Mercantil, O Conservador, O Iris, Reformador, O Baependyano, A Verdade, Vassourense, Aurora Barramansense, Municipio d S. Anna, Constituição, Cearense, e todos os desta capital. (Jornal da Parahyba, 04/12/1886)

Ao <<Club Litterario e Recreativo>> desta cidade, recentemente reorganizado, foram remetidos pelo vapor brasileiro do sul, entrado a 29 do passado, as seguintes folhas: - Gazeta de Alegrete, Correio de S. José, Jornal de Sergipe, Espirito-Santense, Revista do Exercito Brasileiro, The Rio Newes, A Tribuna, Diario do Brazil e Diario de Pernambuco. (Diário da Parahyba, 02/05/1884)

4. Considerações Finais

Em resumo, encontramos dificuldades em identificar, no interior da gama documental, informações que se referissem ao nosso projeto de pesquisa, já que analisar a História da Educação através da cultura material apenas com documentos se torna bem mais difícil do que se tivéssemos acesso à materialidade dos artefatos do período. Com a pesquisa ainda em andamento, pretendemos avançar em relação àquilo que já foi coletado e aprofundar as relações sociais estabelecidas entre os materiais e os sujeitos escolares contextualizados à sua época. Sendo assim, para apreender o cotidiano do universo escolar se faz necessária uma profunda pesquisa, para que possamos, cada vez mais, contribuir para a construção do conhecimento histórico da história da educação.

5. Referências

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História. Volume 5: A Escola dos Annales e a Nova História. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.**

BENCOSTTA, Marcus Levy. **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos.** São Paulo: Cortez, 2007.

CASTRO, César Augusto. Os usos e as tipologias dos materiais escolares no Maranhão Oitocentista. In: **Objetos, práticas e sujeitos escolares no Norte e Nordeste**. CASTRO, César Augusto; CURY, Cláudia Engler; LOPES, Antônio de P. C; PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira; (orgs). São Luís: EDUFMA:UFPB:Café&Lápis, 2011.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. Cultura Escolar: da Migração do Conceito à sua objectivação Histórica. In: **Cultura Escolar, Migrações e Cidadania**. Porto, Portugal: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 2010.

FERRONATO, Cristiano de Jesus. **Das aulas avulsas ao Lyceu Provincial**: as primeiras configurações da instrução secundária na Província da Parahyba do Norte (1836-1884). (Tese de Doutorado). João Pessoa: PPGE-UFPB, 2012.

FERRONATO, Cristiano de Jesus. **A Biblioteca do Lyceu Provincial e seus compêndios**: as primeiras configurações da formação de uma Biblioteca Pública na Província da Parahyba do Norte. Disponível em:

http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/3.37.pdf.

Acesso em: 08 de mar. de 2013.

MIRANDA, Itacyara Viana. **Instrução, Disciplina e Civilização**: Uma perspectiva de leitura acerca das aulas públicas e particulares na Parahyba do Norte (1860-1889). 2012, 149f. (Dissertação em História) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

PESEZ, Jean-Marie. História da Cultura Material. In: **História Nova**. LE GOFF, Jacques. CHARTIER, Roger. REVEL, Jacques. (orgs.) tradução Eduardo Brandão. 5ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. Tradução de Maria Helena Arinto. Rosa Esteves. © Retz – C. E. P. L. Paris, 1978.

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. As novas abordagens no campo da História da Educação.

In: **História da Educação no Brasil**: matrizes interpretativas, abordagens e fontes predominantes na primeira década do século XXI. XAVIER, Libânia. TAMBARA,

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
PRATL

14

Elomar. PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. (orgs.) Vol. 5. Vitória: EDUFES, 2011.

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. CURY, Cláudia Engler. **Leis e regulamentos da instrução da Paraíba no período imperial.** Brasília, DF: MEC/INEP, 2004. CD-ROM (Coleção Documentos da Educação Brasileira)

VEIGA, Cynthia Greive. Cultura Material Escolar no século XIX em Minas Gerais. Disponível em: <www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/040_cyntia.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2012.